

REFLEXÕES SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADES NO CAMPO DAS LUTAS, ARTES MARCIAIS E ESPORTES DE COMBATE

George Almeida Lima¹

Leandro Teofilo de Brito²

Alvaro Rego Millen Neto³

Resumo: O campo das práticas corporais de combate possui signos e representações peculiares que, engendrados nas dinâmicas socioculturais, determinam e demarcam certas relações de gênero. Historicamente, as representações da masculinidade hegemônica, que creditam aos homens características particulares (agressividade, virilidade etc.), têm prevalecido nas dinâmicas desse campo. A heteronormatividade também se faz presente, demonstrando como as relações de poder ocupam os espaços sociais e buscam estabelecer as suas reservas. A partir dessas problemáticas, e amparado por uma revisão sistemática da literatura, o artigo busca compreender as particularidades das construções de masculinidade no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate. Apesar de, em rigor, a masculinidade hegemônica ser determinante nesse campo, novas configurações sociais têm concorrido para, em alguma medida, (res)significar a ideia do ser homem.

Palavras-chave: Gênero; Masculinidade; Lutas; Artes marciais; Esportes de combate

Reflections about the constructions of masculinities in the field of fights, martial arts and combat sports

Abstract: The field of combat body practices has peculiar signs and representations that, engendered in sociocultural dynamics, determine and demarcate certain gender relations. Historically, representations of hegemonic masculinity, which credit men with particular characteristics (aggressiveness,

¹ É mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). É Licenciado e Bacharel em Educação física. É professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE). Foi Secretário de esporte da Secretaria Municipal de Desporto de Campos Sales-CE. É membro do Grupo de Estudos em Educação e Práticas Corporais (GEEPRACOR/UNIVASF), do Grupo de estudos e pesquisas em Educação Física escolar (GEPEFE/UECE), do Grupo de Estudo em Sociologia do Esporte (GESOE/ULBRA) e do Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (GESOE/UFRGS). Realiza pesquisas sobre a Educação Física escolar e sobre os aspectos pedagógicos e socioculturais das práticas corporais e da Educação Física. Email.: george_almeida.lima@hotmail.com

² Professor Adjunto da UFRJ. Coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Gênero, Sexualidade e Diferença (LACGESED), vinculado à Escola de Educação Física e Desportos (EEFD-UFRJ), e o Grupo de Estudos sobre Masculinidades e Educação (GEMasc), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFRJ). Pesquisador das temáticas gênero e sexualidade, com focalização nos estudos sobre homens e masculinidades. Email: teofilo.leandro@gmail.com

³ Professor Adjunto do Colegiado Acadêmico de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf (ministra as disciplinas Didática e Currículo), professor e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Univasf (ministra as disciplinas Políticas Curriculares para a Educação Física e Análise de Dados Qualitativos) e é um dos líderes do Grupo de Estudos sobre Educação e Práticas Corporais (GEEPRACOR). E-mail: alvaro.millen@univasf.edu.br

virility, etc.), have prevailed in the dynamics of this field. Heteronormativity is also present, demonstrating how power relations occupy social spaces and seek to establish their reserves. Based on these issues, and supported by a systematic review of the literature, the article seeks to understand the particularities of the constructions of masculinity in the field of fighting, martial arts and combat sports. Although, strictly speaking, hegemonic masculinity is decisive in this field, new social configurations have contributed to, to some extent, (re)signify the idea of being a man.

Keywords: Gender; Masculinity; Fights; Martial arts; Combat sports.

1. Introdução

As produções sobre gênero e masculinidade apresentam relações de poder que, desde a década de 1980, foram tensionadas a partir da enunciação do conceito de masculinidade hegemônica (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013). Desde então, têm-se ascendido críticas direcionadas a essa noção de masculinidade que, em geral, tende a reforçar o binarismo entre os gêneros e que, não raro, tem normatizado comportamentos agressivos e viris como tipificações privativas do universo masculino. As abordagens emergentes passaram a rejeitar as reduções e os agrupamentos típicos de uma noção de gênero marcadamente binária e, em oposição, voltaram o foco para as relações de poder, presentes nas construções sociais das masculinidades, que definem signos, identidades e disposições peculiares. Tipificações como as de homem agressivo e viril e as de homem sensível seriam epistemologicamente dicotômicas e simbolizariam as tensões e disputas de poder presentes no campo (CONNELL, 2016).

Em várias esferas sociais existem padrões comportamentais e/ou corporais que definem, a partir de relações coercitivas de poder, o que é certo ou errado. No campo das lutas⁴, artes marciais⁵ e esportes de combate⁶, esses padrões foram perpetuados e cristalizados no constructo cultural dessas práticas. Elias e Dunning (2019) destacam que esse campo foi historicamente

⁴Se referem a práticas corporais generalistas que, grosso modo, simbolizam a oposição entre dois ou mais oponentes, podendo ser vivenciada a partir de movimentos específicos, jogos de oposição ou atividades lúdicas (Rufino, 2012).

⁵ Interliga-se à metáfora da guerra, envolvendo movimentos específicos de ataque e defesa e simbologias voltadas a elementos éticos e filosóficos, como respeito, cooperação e moral (Lima; Maia, 2022; Rufino, 2012)

⁶ Estão ligados à racionalização esportiva, envolvendo elementos como treinamento físico, envolvimento com aspectos econômicos e midiáticação exacerbada (Rufino, 2012; Lima; Maia, 2022)

compreendido como um universo masculinizado que cristalizou representações machistas sobre as competências que um praticante deveria ter para se inserir nessas atividades. Desse modo, atributos como agressividade, virilidade e força eram considerados essenciais para praticantes de lutas.

Ao se referir aos “calos corporais” provenientes dos treinamentos de lutadores de boxe, Wacquant (2002) assevera que os hematomas e cicatrizes são exaltados, sendo apresentados pelos homens como pressupostos que evidenciam sua honra e bravura, produzindo e conservando ideologias e valores que definem as relações hierárquicas entre os gêneros. Trata-se da ilustração de uma tipificação de gênero peculiar, característica da representação do masculino hegemônico, que distingue homens, classificando e estereotipando aqueles que não possuem inclinações a comportamentos agressivos e viris. Ademais, a partir dessa noção de masculinidade hegemônica, subjaz-se a ideia de que atitudes agressivas pertencem ao universo dos homens e a demonstração de sensibilidades não pertence (CONNELL, 2003). Nesse sentido, evidencia-se que formas de masculinidades presentes no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate são hierarquizadas e subordinadas ao padrão masculino hegemônico, pautado na heteronormatividade.

Todavia, emerge um processo que Connell (2016) denomina de “teorias do sul”, as quais buscam apresentar as percepções produzidas na periferia global (América Latina, África e Oriente), reconfigurando a ideia de masculinidade a partir da corporificação social, que se configura como dinâmicas sociais das quais os homens se apropriam. Essa corporificação social é arraigada de elementos que compõem realidades históricas específicas e implica em novas experiências, limitações e vulnerabilidades, consolidando a possibilidade de novas corporificações sociais.

Na esteira dessas discussões, ao considerarmos a ressignificação das ordens de gênero, podemos perceber mudanças estruturais no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate, como inserção das mulheres nos jogos olímpicos de Londres, em 2012, o aumento do número de mulheres praticando atividades de combate e a inclusão de categorias femininas no *Ultimate Fighting*

Championship (UFC⁷), em 2013 e o desenvolvimento de discussões sobre a transgenereidade de atletas (FERNANDES *ET AL.*, 2015; GRESPAN; GOELLNER, 2014; MILLEN NETO; GARCIA; VOTRE, 2016; LIMA; MACÊDO; MILLEN NETO, 2023). Embora essa participação seja emergente, fatores estruturais como diferenças salariais, menor incidência de patrocínio e menor veiculação midiática são dispositivos que distinguem as participações feminina e masculina no campo esportivo (CORREIA; MELO; SOARES, 2020).

Ao considerarmos que as masculinidades não são fixas, estando em constante transformação, questões relativas à sexualidade estendem as tensões sobre as configurações de gênero nesse campo, ampliando as possibilidades de reflexões e apropriações sobre a corporificação social na sociedade contemporânea (DEVIDE; BRITO, 2021).

Os tensionamentos emanados desse “novo” contexto configuracional ressignificam o comportamento social a partir das mudanças contínuas na sociedade, evocando a busca pelo rompimento das hierarquias entre gêneros. O desenvolvimento de maiores redes de interdependência entre os indivíduos e grupos sociais (ELIAS, 1994), suscita maior apoio à representação de comportamentos contra-hegemônicos, aspecto que pode ter contribuído para a apresentação de distintas representações de masculinidades nesse campo.

Desse modo, consideramos que as tensões desencadeadas a partir das diversas formas de masculinidade contribuem para a efetivação de discussões que potencializem a inclusão de grupos outrora marginalizados. Nesse ínterim, o presente estudo objetiva compreender as construções de masculinidade no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate expostas na produção acadêmica nacional e internacional.

2. Percorso metodológico

Este estudo, de caráter qualitativo, configura-se como uma revisão sistemática. A aplicação desse recurso metodológico apresenta uma interlocução

⁷ O UFC é uma organização promotora de eventos de artes marciais mistas (MMA). Trata-se da promotora de MMA mais longeva (iniciou suas atividades no ano de 1993) e mais importante (em termos de audiência e de volume de comercialização) do mundo.

entre diferentes discussões sobre determinados objetos, possibilitando reflexões e análises específicas sobre o fenômeno em tela (Sampaio; Mancini, 2007).

Os dados foram coletados a partir das bases: *Scientific Electronic Library* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Portal de Periódicos da Capes, mediante os descritores: Masculinidade AND “Arte Marcial”, Masculinidade AND “Esporte de Combate”, Masculinity AND “Martial Arts” e Masculinity AND “Combat Sport”. Em relação à busca no Portal de Periódicos da Capes, utilizamos três filtros específicos: (i) artigos publicados em periódicos revisados por pares, (ii) artigos científicos e (iii) artigos com acesso aberto. Justificamos a utilização destes filtros pela sua capacidade de encontrar artigos com rigor avaliativo. As buscas aconteceram no mês de agosto de 2023 e não se definiu recorte temporal. O quadro 1 apresenta a quantidade de artigos encontrados a partir da utilização de cada palavra-chave.

QUADRO 1. Número de trabalhos encontrados

Termos	SciELO	Lilacs	Portal de Periódicos da Capes	Total
Masculinidade AND “Arte Marcial”	0	01	03	04
Masculinidade AND “Esporte de Combate”	0	0	05	05
Masculinity AND “Martial Arts”	0	09	150	159
Masculinity AND “Combat Sport”	0	05	37	42
Total	0	15	195	210

Fonte: dados da pesquisa (2023).

A partir da inserção dos descritores nas bases de dados, foram encontrados um total de 210 artigos. O primeiro processo de triagem considerou o título e resumo dos artigos, que deviam apresentar aspectos relacionados ao objeto de pesquisa. Dessa forma, foram incluídos, inicialmente, 82 artigos. O segundo processo considerou a duplicidade dos textos, a partir do qual foram excluídos 22 artigos, restando 60. O terceiro processo considerou a análise das discussões sobre masculinidades no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate, em que foram excluídos 31 artigos. Desse modo, 29 artigos foram incluídos para a leitura integral dos textos e a aplicação de todos os critérios de inclusão e

exclusão, quando foram excluídos nove artigos. Por conseguinte, 20 textos atenderam os critérios de inclusão e exclusão e foram incluídos neste estudo.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: (i) artigos que apresentassem em seu título termos que estivessem associados ao objeto desta pesquisa; (ii) artigos originais e de revisão; (iii) artigos que tivessem como objeto o estudo masculinidade e artes marciais. Foram critérios de exclusão: (i) teses, dissertações, resenhas, ensaios e trabalhos de conclusão de curso; (ii) estudos que não apresentavam objetivos e discussões relacionadas à masculinidade e às artes marciais.

Após a leitura dos textos na íntegra, foi criada uma tabela analítica para que os textos pudessem ser analisados. Destacamos que, para a construção das categorias, foram consideradas a recorrência de ideias, levando em consideração os objetivos e os resultados dos textos selecionados. Dessa forma, as categorias foram construídas *a posteriori*, a partir de uma compreensão indutiva dos dados, ou seja, as categorias de análise não foram impostas previamente à sua recuperação e análise, mas emergiram dos próprios dados.

Os dados encontrados foram organizados a partir da análise temática, que se estrutura a partir de seis etapas: (i) familiarização dos dados, (ii) geração de códigos iniciais, (iii) busca por temas, (iv) revisão dos temas, (v) definição e denominação dos temas e (vi) produção do relatório final. A utilização desse tipo de análise se configura pela sua capacidade de interpretar temas em conjuntos textuais (BRAUN; CLARKE, 2006).

Em casos de divergência nos critérios de inclusão ou exclusão dos textos, fato que não ocorreu neste trabalho, um pesquisador externo à pesquisa seria convidado para que pudesse realizar o desempate. Este critério atende ao que preconizam Sampaio e Mancini (2007).

3. Resultados e Discussão

Nesta seção, serão apresentadas as discussões advindas a partir da análise dos 20 artigos selecionados a partir das buscas nas bases de dados. A partir da submissão dos artigos ao processo analítico, foi realizada a categorização dos dados encontrados. A construção destas categorias considerou os objetivos e discussões advindas dos resultados dos artigos analisados. A partir desse

processo, foram identificadas quatro categorias, sendo elas: (i) cultura e masculinidade, (ii) mídia e masculinidade, (iii) competição como reafirmação da masculinidade e (iv) relativização da masculinidade hegemônica. O quadro 2 apresenta dados dos artigos encontrados.

3.1 Construções de masculinidades no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate

Esta categoria é composta por cinco artigos (CARTON; MORRELL, 2012; PASSOS *ET AL.*, 2014; MARTÍNEZ, 2015; HANN; CHEVÉ; WANE, 2021; DENG, 2022). Os artigos encontrados apresentam consensos sobre a ideia de que o campo das lutas, artes marciais e esportes de combate é historicamente permeado pela autoafirmação da masculinidade hegemônica a partir da construção de uma identidade pautada no homem forte, agressivo e viril, considerando todas as manifestações que não se interligam a tais pressupostos como inferiores e inapropriadas.

A consolidação dos aspectos biológicos enquanto elemento catalisador para o desenvolvimento de um constructo identitário específico, cristalizou percepções estereotipadas em relação à maneira o qual os homens deveriam se portar. Neste cerne, desenvolve-se um tipo de masculinidade que direciona as atitudes e comportamentos dos homens. Essa padronização do comportamento está ligada a códigos de conduta que são expressos por dispositivos como a violência física, agressividade e virilidade (PASSOS *et al.*, 2014).

Deng (2022) destaca que a posição de poder dos homens, pautada no domínio físico, perpetuou discursos que valorizam, de maneira exacerbada, a masculinidade hegemônica como elemento substancial para o desenvolvimento da ideia do “ser homem”, desencadeando mecanismos opressores que minaram a emancipação de demais gêneros.

Com reforço, Passos *et al.* (2014) destacam que as academias de lutas, artes marciais e esportes de combate são espaços masculinizados, uma vez que a cultura do *ethos* guerreiro das sociedades antigas perpetua como uma lógica intrínseca a este campo cultural, eclodindo a ideia de sacrifício corporal, honradez e virilidade como atributos para o desenvolvimento de símbolos de pertencimento entre os praticantes.

Destarte, a masculinidade hegemônica possui estreita ligação com o *ethos* guerreiro engendrado nas lutas, artes marciais e esportes de combate a partir de dispositivos culturais (DENG, 2022). Nesse ínterim, as relações sociais nesse campo são marcadas pela demonstração do “espírito guerreiro”, suportando e superando a dor, o medo, as lesões, os desafios e eliminando quaisquer elementos relacionados à fragilidade, como a demonstração de sentimentos (Passos *et al.*, 2014).

Nesse sentido, Passos *et al.* (2014) destacam que a “hipervalorização dessa postura aguerrida, capaz de agredir, como fruto de uma construção identitária tanto dos atletas quanto de seu grupo, possibilita a veiculação de *status* e de relações de poder que revelam significados de pertencimento e afirmação” (p. 1160).

Desta feita, destaca-se que as lutas, artes marciais e esportes de combate possuem códigos próprios, constituídos a partir de suas tradições, que funcionam como dispositivos identitários para seus praticantes. Em geral, esses dispositivos convergem para o *ethos* guerreiro e sua estampa de hipervirilidade, direcionando os praticantes a desenvolverem símbolos de pertencimento específicos. A propósito, Hobsbawn (2018, p. 08) destaca que as tradições são “[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas[...]”. Nesse sentido, as tradições são inventadas para que determinados valores sejam ensinados aos grupos sociais, desencadeando coesão entre os membros desse grupo.

Corroborando com o exposto, Connell (2016) assevera que “a violência generificada teve um papel formador na configuração das sociedades coloniais e pós-coloniais (p. 31). Desse modo, o fato de as lutas, artes marciais e esportes de combate terem se consolidado como atividades totalmente ligadas aos combates corporais, pode ter influenciado no desenvolvimento de uma cultura pautada na padronização de comportamentos para os membros desse campo social, suscitando e reforçando as hierarquias de gênero (DEVIDE; BRITO, 2021).

Ao buscarem refletir sobre as negociações de identidade em uma luta senegalesa, Hann, Chev e e Wane (2021) destacam que as formas tradicionais de masculinidade são caracterizadas pela agressão, força e violência. Esse constructo identitário consolida o domínio da masculinidade hegemônica na luta livre em

Senegal, em que menos de 1% dos praticantes são mulheres. Nessa prática corporal, considera-se a produção e demonstração das capacidades físicas e morais como dispositivos que direcionam o comportamento do homem. A exaltação de corpos musculosos e potentes, vistos como “máquinas de combate” consolida-se como um recurso de autoafirmação deste grupo social (HANN, CHEVÉ, WANE, 2021).

No mesmo sentido, Carton e Morrell (2012) buscaram refletir sobre a construção da masculinidade Zulu, cultura guerreira e luta com bastões na África do Sul. Os autores salientam que essa prática corporal valoriza uma “masculinidade robusta” pautada na virilidade e na força física. A interligação entre essa prática corporal e a “selvageria guerreira” propiciou o desenvolvimento de aspectos homossociais que hierarquizam a ideia de masculinidade, entendendo que existem expressões masculinas superiores a outras.

Quando os resultados apontam para a consolidação de um tipo de masculinidade superior a outras, infere-se que existem demais construções de masculinidades. Por conseguinte, Connell (2000) salienta que a masculinidade é um constructo social concebido por relações de poder que hierarquizam as configurações de gênero. Essas construções também são atravessadas por estruturas que envolvem sexualidade, classe social e raça.

Considerando esse processo interseccional, Badinter (1993, p. 27) destaca que “não há um modelo masculino universal, válido para todos os tempo e lugares”. Desse modo, as masculinidades podem ser vivenciadas de maneira distinta nos diversos contextos sociais.

Ao relatar uma experiência prática nas artes marciais por meio de uma autoetnografia na Argentina, Martínez (2015) evidencia que os homens apresentam uma conduta violenta e viril que busca a legitimação de seu gênero. A autora relata que “alguns têm sangue no nariz ou um hematoma gigantesco na perna, e mesmo assim riem, exibindo contusões. Essa atitude os torna mais valiosos aos olhos do grupo, que longe de mostrar preocupação com seus ferimentos, eles os comemoram” (p. 305).

Essa representação positiva de uma deformação corporal pode ser explicada pelo fato de ser um símbolo de pertencimento ao grupo, configurando-

se como um elemento de distinção que identifica o seu portador como um lutador possuidor de capacidades especiais.

Desse modo, ao performatizar suas ações, os homens apresentam seu “*show*”, o que lhes permite legitimar suas percepções a partir do cumprimento de um código interno que engendra técnicas de combate violentas e a agressividade como autoafirmação e pertencimento ao grupo (MARTÍNEZ, 2015; HANN; CHEVÉ; WANE, 2021).

Ao analisarem as memórias de professores e ex-lutadores de “vale tudo” da cidade de Curitiba/PR, Brasil, Passos *et al.* (2014) destacam que os participantes do estudo evidenciam sentidos relacionados à constituição de um *ethos* específico dos lutadores, os quais participaram de confrontos de rua e combates em ringues improvisados, elementos catalisadores para o senso de fidelidade aos grupos que pertenciam.

Por conseguinte, nos contextos analisados, podemos perceber que o campo das práticas de combate possui códigos e simbologias que buscam distinguir os praticantes e os não praticantes dessas atividades. Como elementos de distinção, apresenta-se a construção de corpos atléticos, agressivos e marcas corporais específicas, como hematomas e cicatrizes. Dessa forma, os participantes reificam essas simbologias como elementos constituintes de suas personalidades. A partir do exposto, também podemos inferir que os praticantes possuem uma lógica interna de pertencimento, que está pautada na agressividade, violência e virilidade como elementos que asseguram sua inserção e permanência nos grupos.

O engendramento dessas práticas corporais com a idealização cultural da masculinidade hegemônica tem como *locus* a violência concreta e simbólica, desencadeando a formação e manutenção da masculinidade hegemônica, entendendo-a como a forma de comportamento ideal do homem.

Nesse ínterim, destacamos que a ideia do “ser masculino” foi constituída a partir de pressupostos culturais que detinham as valências físicas e a rigidez moral como atributos para a autoafirmação do masculino. Esses pressupostos foram utilizados como justificativa para cristalizar uma percepção cultural de que um tipo de comportamento masculino seria superior às demais expressões de masculinidades. Desse modo, os comportamentos que não se alinhavam aos

estereótipos implementados eram subjugados a partir de estigmas sociais, gerando preconceitos e exclusão das diversas expressões de gênero performativizadas na sociedade.

3.2 Mídia e masculinidades

Esta categoria é composta por sete artigos (CHOW, 2008; NASCIMENTO *ET AL.*, 2011; CECCHETTO *ET AL.*, 2012; CHANNON; MATTHEWS, 2015; HIRAMOTO, 2015; BOWMAN, 2020; MOISIO; BERUCHASHVILI, 2022). Os autores e autoras apresentam consensos sobre o potencial dos recursos midiáticos enquanto elemento que reforça a ideia de masculinidade hegemônica. Também se destaca que os recursos midiáticos reforçam um padrão típico de masculinidade, que é o do homem ocidental, heterossexual e branco. Embora homens de outras culturas e etnias também possam fruir determinados atributos evidenciados pelos veículos midiáticos, como agressividade e virilidade, a mídia, em um contexto geral, atribui maior ênfase aos grupos ocidentais.

Outrossim, com o passar dos anos, os grupos sociais vão reconfigurando suas percepções a partir da apropriação de novas configurações sociais. Desse modo, com a propagação dos recursos tecnológicos em larga escala, as pessoas estão mais conectadas ao mundo tecnológico, fazendo com que novas influências e tendências possam emergir.

Nesse sentido, embora os veículos midiáticos configurem-se como elementos que ampliam o alcance de informações, devemos compreendê-los com criticidade, uma vez que a midiaticização do fenômeno esportivo pode contribuir para a reafirmação de padrões de comportamentos hegemônicos.

Corroborando com o exposto, Cecchetto *et al.* (2012) analisaram matérias sobre esteroides anabolizantes e *doping* publicadas na revista Tatame (veículo especializado em artes marciais) entre os anos de 1996 e 2010. Os autores e autoras asseveram que ao mesmo tempo em que a revista condena a utilização dessas substâncias, valoriza a utilização de suplementos para a ampliação do tamanho da musculatura. A revista apresenta propagandas e imagens que vinculam o desenvolvimento muscular à superioridade masculina.

No mesmo sentido, Nascimento *et al.* (2011) buscaram identificar, em duas revistas de artes marciais (revista Tatame e revista Gracie), a veiculação de

conteúdos relacionados às características de atletas de luta profissional que possuem destaque no campo dos esportes de combate. Os autores e autoras destacaram que ambas as revistas apresentam elementos que contribuem para a manutenção de representações sociais masculinas pautadas em aspectos tradicionais. Nesse cenário, reforça-se a ideia de que ser o melhor lutador é um requisito para ampliar a performatividade masculina no campo social. As revistas também veiculam o perfil dos atletas às características pautadas na violência, poder e virilidade, reforçando pressupostos alinhados à masculinidade hegemônica.

Desse modo, os dois estudos encontrados apresentam convergência no que concerne à identificação do tipo de masculinidade preconizada para os homens observados, a masculinidade hegemônica. Embora Cecchetto *et al.* (2012) evidenciem que a revista Tatame critique a utilização de anabolizantes, ela acaba corroborando com os dispositivos sociais de padronização da masculinidade, na medida em que publiciza percepções específicas de um tipo corporal que seria superior aos demais.

A partir dos dois estudos, podemos perceber que os resultados encontrados a partir da análise das revistas buscam evidenciar um tipo ideal de homem, contribuindo para o reforço de estereótipos de gênero. Connell (2016) aponta que homens que possuem maiores estruturas econômicas exercem influências sobre as pessoas de menor capital. Esse fato propicia o desenvolvimento de percepções que estão envoltas por operações que buscam padronizar a ideia de comportamento masculino, fazendo com que homens com menos recursos financeiros precisem renegociar os significados de sua masculinidade, buscando autoafirmar-se a partir de atributos físicos.

Devide e Brito (2021) afirmam que as ideias que envolvem conceitos de hipervirilidade e a fisicalidade são utilizadas para a manipulação de pessoas de menor renda, entendendo esses elementos como uma forma de compensação de *déficits* econômicos e sociais. Dessa forma, a violência opera como uma autoafirmação social.

Ao considerar os recursos tecnológicos, Bowman (2020) assevera que o cinema, a TV e os documentários relacionados às artes marciais têm apresentado ideias que destacam narrativas que se pautam no individualismo competitivo dos

atletas, em que foram da miséria à riqueza a partir da força física, psicológica e da virilidade masculina. Desse modo, a própria representação midiática possui potencial para ser um elemento catalisador do constructo identitário do ser humano, desempenhando uma função ativa na criação, manutenção ou modificações nas representações de gênero (BOWMAN, 2020).

Moisio e Beruchashvili (2022) destacam que no universo das lutas, artes marciais e esportes de combate, o desenvolvimento da masculinidade está pautada no fascínio cultural dos consumidores dessas práticas, evidenciado na publicidade, nas promoções das lutas, marcas de roupas, acessórios e estilos de vida. À vista disso, tanto os lutadores quanto os adeptos se apropriam dos mecanismos operacionais desencadeados pelos recursos midiáticos, consumindo produtos e ideais que influenciam sua autopercepção social.

Mariante Neto, Vasques e Stigger (2021) reforçam a ideia de que os recursos midiáticos direcionam a prática das atividades de combate a processos de espetacularização, não importando apenas a vitória, mas o espetáculo desencadeado pela luta, favorecendo o engajamento dos adeptos a partir de uma violência regulamentada. No mesmo sentido, Downey (2014) apresenta a ideia de “hiperviolência aparente” para destacar que as práticas de combate utilizam a violência como elemento para atender às expectativas dos adeptos.

Nesse sentido, as divulgações midiáticas pautadas na espetacularização a partir de corpos musculosos e atitudes agressivas e viris, que são reiteradamente projetadas enquanto singularidades dessas modalidades, contribuem para a criação e o reforço de percepções simbólicas que atribuem superioridade a determinado padrão de masculinidade.

Ao analisar as apresentações midiáticas da masculinidade asiática em filmes de artes marciais de *Hollywood*, Hiramoto (2015) destaca que as características da masculinidade ocidental nos filmes são perpetuadas pela força física e tamanho da musculatura, atributos essenciais para o desenvolvimento da masculinidade hegemônica cinematográfica. Outrossim, a partir de análises em uma escala global, a masculinidade asiática configura-se como um elemento exótico, sendo desvalorizado em detrimento do padrão físico apresentado nos filmes, que se pauta no homem branco ocidental.

Do mesmo modo, ao analisar filmes de artes marciais, Chow (2008) também destaca que a masculinidade dos homens chineses é considerada marginal, fazendo com que precisem “negociar” sua masculinidade, buscando identificação e semelhança com as características masculinas do homem branco ocidental. Desse modo, o engendramento entre comportamento social e a tipologia física consolida-se como um mecanismo que padroniza a ideia do ser homem.

Os filmes de artes marciais apresentam imagens estereotipadas que permitem ao público acessar facilmente um modelo simplificado de masculinidade asiática. Ao mesmo tempo, exploram o exotismo das artes marciais asiáticas para proporcionar espetáculo visual ao público. Associado a isso, os praticantes de artes marciais não asiáticos, apresentados como figuras midiáticas, são uma combinação segura do familiar e do estrangeiro em termos de como os heróis de ação são convencionalmente representados nos filmes (HIRAMOTO, 2015).

Os personagens ligados às artes marciais permanecem acessíveis ao público em geral. Esse público muitas vezes não compartilha das tradições culturais asiáticas, desse modo, essas histórias são apresentadas a partir de personagens não asiáticos (Hiramoto, 2015). Esse fato reforça o desenvolvimento de padrões físicos e comportamentos pautados no homem branco ocidental, potencializando a estigmatização dos demais tipos de masculinidades que não se inclinam ao que é preconizado pelas mídias.

Ao explorar as representações da mídia *online* sobre a homossexualidade masculina e a masculinidade no MMA, Channon e Matthews (2015) destacam que os consumidores dessas mídias não coadunam da perspectiva inclusiva, direcionando piadas homofóbicas e postagens ofensivas às publicações que não se conectavam à masculinidade hegemônica. Isto posto, podemos considerar que os recursos midiáticos são elementos que contribuem para a manutenção dos processos que envolvem a masculinidade hegemônica.

À vista disso, os veículos midiáticos utilizam as lutas, artes marciais e esportes de combate como agência reguladora dos comportamentos, fazendo com que os consumidores assumam um “processo de absorção corporal das normas e práticas sociais sobre o corpo e o seu uso” (Connell; Pearse, 2015, p. 21). Dessa

forma, ao ter contato com as normas operacionais que a mídia propaga, os consumidores são estimulados a reproduzir as tendências físicas e comportamentais apresentadas.

Nesse sentido, Hiramoto (2015) e Chow (2008) destacam que embora homens possam apresentar virilidade, agressividade e combatividade, ligando-se a pressupostos comportamentais pautados na masculinidade hegemônica, alguns grupos específicos, como os homens negros, asiáticos, gays e demais tipos de produção de masculinidades, acabam sendo submetidas às operações da masculinidade hegemônica da cultura ocidental. Isso fica evidente quando os filmes e desenhos animados apresentados à sociedade tem como base homens brancos, heterossexuais e ocidentais.

Connell (2016) destaca que as masculinidades são fluidas, sendo construídas a partir da corporificação social, que se configura como um “processo coletivo e reflexivo que envolve os corpos em dinâmicas sociais, e as dinâmicas sociais nos corpos” (p. 48). Nesse sentido, deve-se considerar as realidades históricas de cada sujeito e suas experiências, limitações e vulnerabilidades como configurações estruturantes de suas construções perceptivas.

3.3 Competição, consumo e masculinidades

Esta categoria é composta por cinco artigos (SPENCER, 2014; WALTERS, 2020; JENNINGS; DELAMONT, 2020; HANN; CHEVÉ; WANE, 2021; DENG, 2022). Os artigos apresentam consensos sobre o impacto da competição para a construção de identidades masculinas. A espetacularização esportiva desencadeia mecanismos que subalterniza as demais identidades de gênero, fato que amplia as desigualdades de acesso às lutas, artes marciais e esportes de combate.

No campo das práticas de combate, a construção da masculinidade está permeada por diversos elementos que influenciam o homem a se adequar aos pressupostos socialmente preconizados. Neste caso, um desses elementos é a competição. Deng (2022) destaca que a aprendizagem de uma técnica específica é apenas um dos aspectos que integram o constructo identitário pautado na competição. A rigidez, a postura agressiva em relação ao oponente, a virilidade e a força física também catalisam a construção desse padrão.

Hann, Chevé e Wane (2021) apresentam que os espaços de luta reforçam a masculinidade hegemônica a partir da supervalorização das capacidades físicas e do tamanho da musculatura. Desse modo, os adeptos devem incorporar uma figura de masculinidade robusta e poderosa. Na arena de luta, a atitude guerreira e a coragem de enfrentar os golpes do adversário ou dominá-lo com seus próprios golpes são atributos que qualificam o praticante, aumentando seu *status* (Henn; Chevé; Wane, 2021).

Chechetto (2004) salienta que a competitividade exacerbada muitas vezes é compreendida como um elemento que materializa a masculinidade, sendo, em muitos casos, uma exigência social para os homens. Esse processo acarreta pressões nos homens, inserindo-os em um campo hostil que vislumbra a masculinidade hegemônica como uma normativa.

Spencer (2014) salienta que cada prática esportiva possui suas especificidades e, no caso do MMA, é a partir dos corpos masculinos que os praticantes constroem sua identidade para “estar no mundo”, evidenciando a construção de uma cultura corporal racionalizada, sendo uma herança histórica da noção de masculinidade hegemônica.

Desse modo, os lutadores de MMA devem produzir uma performance “para-masculina”⁸ como um elemento que padroniza o comportamento masculino na sociedade. Para isso, os homens devem carregar consigo as normativas impostas pelas competições e treinamentos, a fim de se autoafirmar na sociedade. Dessa forma aspectos como controlar a dor, oferecer dor ao oponente e fazer determinados sacrifícios como “comer limpo”, treinar diariamente e dominar os corpos femininos a partir da ideia de heteronormatividade são requisitos para a autoafirmação dos praticantes. Nesse sentido, a masculinidade dos lutadores de MMA é constituída de maneira gradativa, considerando-se seu engajamento com os discursos e atitudes que envolvem o universo masculino hegemônico (SPENCER, 2014).

Com reforço, as competições apresentam aos adeptos uma forma específica de apresentar a masculinidade. Ao analisar as narrativas sobre masculinidades apresentadas no *The Ultimate Fighter* (TUF⁹), Walters (2020)

⁸ Segundo o autor, esse termo se refere a aspectos exclusivamente masculinos.

⁹ Programa de televisão que busca selecionar lutadores para o UFC e apresenta o dia a dia desses lutadores.

denomina o termo “masculinidade do UFC” para apresentar a dominação cultural que a competição organizada pelo UFC desencadeia. Esse constructo identitário permite a mercantilização do programa como um espetáculo pautado na violência concreta e abstrata, marginalização de demais expressões de gênero, machismo, sexismo e provocações entre os lutadores.

Nesse sentido, podemos perceber que o programa analisado por Walters (2020) possui códigos singulares que são pautados não apenas na agressividade física, mas também na agressividade simbólica a partir de proposições misóginas e sexistas, que atribuem às características femininas, significados de inferioridade.

As normativas evidenciadas pelo MMA também podem ser vislumbradas em outras práticas de combate. Ao analisarem os processos de masculinização no savate¹⁰ britânico, Jennings e Delamont (2020) destacam que a espetacularização da competição evidencia o sexismo e a sexualização dos corpos. Em alguns eventos de savate “existem bailarinas (para lutas masculinas) e *dancing boys* (para lutas femininas) em lutas internacionais em países como a França, o que demonstra a continuidade de ideologias em tais esportes de combate em um nível de elite” (p. 19). Esse aspecto reforça a autoafirmação da heteronormatividade e da masculinidade hegemônica enquanto padrão social. Por conseguinte, podemos perceber que outros elementos estão atrelados à competição, como a sexualização dos corpos, evidenciada pelas bailarinas e *dancing boys*, que se inclinam à espetacularização das práticas de combate.

Waters (2020) destaca que a mercantilização da masculinidade foi um elemento catalisador para a ascensão do MMA e do UFC. Desse modo, o autor compreende que dentro do universo competitivo das artes marciais, os adeptos devem adotar uma postura codificada pelas organizações, reproduzida pelos atletas e consumida pelo público, sendo uma conduta pautada na virilidade, subvertendo demais expressões de gênero.

Com reforço, Waters (2020) salienta que a masculinidade desencadeada pelo UFC não é vivenciada apenas pelos lutadores. O autor destaca que os homens não precisam lutar para se apropriar dos códigos imbricados a essa

¹⁰ Prática corporal francesa em que se utiliza membros superiores e inferiores para desferir ou bloquear golpes.

masculinidade. Ao comprar os *pay-per-views*, assistir as programações, comprar ingressos e consumir os produtos apresentados pelo UFC, os homens representam a masculinidade do UFC. Quando eles entram nesse universo, tornam-se “diferentes” dos demais homens, construindo uma identidade pautada nas narrativas codificadas pelo UFC e os ambientes de combate espetacularizados.

Em síntese, as codificações emanadas do UFC podem ser vivenciadas por meio da prática ativa dessas atividades, como participação em treinos e competições e o consumo de produtos específicos. Essa dinâmica desencadeia a criação de símbolos de pertencimento singulares em que os homens adotam posturas e percepções rígidas e que os direcionam a hierarquias de gênero.

Destarte, a masculinidade proposta pelo UFC é apresentada como uma expressão dominante, real e tangível ao público disposto a consumi-la. Nesse ínterim, a organização do UFC reforça mecanismos que propagam essas narrativas, como a divulgação de lutas em TV aberta, a realização de eventos em vários países do mundo, utilização de programas televisivos como o TUF, que apresentam o dia a dia dos lutadores e a provocação constante entre os lutadores nos momentos que antecedem as lutas (WALTERS, 2020).

Dentro desse contexto, a masculinidade representada pelo UFC é desprovida de mulheres, em que seu papel se restringe ao campo sexual e aos serviços de cuidados aos “guerreiros” feridos. Com reforço, destaca-se que as mulheres possuem papel secundário na organização, sendo incluídas como participantes ativas apenas a partir do ano de 2013. Mesmo com essa inclusão, elas ganham menos dinheiro e possuem menor visibilidade midiática que os homens, aspectos que reiteram a marginalização da mulher frente ao padrão de masculinidade adotado e veiculado pelo UFC (WALTERS, 2020).

É notório que o MMA é uma prática corporal envolta por processos de espetacularização esportiva, possuindo mecanismos que potencializam o desenvolvimento de uma identidade específica, em que o sacrifício da preparação para as lutas, a oposição ao adversário e o comportamento hostil são agentes que contribuem para a construção de uma identidade masculinizadora proposta pelo UFC.

A partir das discussões apresentadas, podemos compreender que o UFC reforça as ideias de masculinidade hegemônica a partir da veiculação de lutas, comportamentos, produtos e ações que influenciam seus adeptos a adotarem determinadas percepções e comportamentos. Embora possamos considerar que os pressupostos delineados pelo UFC se direcionem a elementos relacionados à masculinidade hegemônica, o UFC também apresenta um elemento singular, que é o símbolo de pertencimento a partir do consumo das artes marciais, aspecto que se sobrepõe às nuances da vida social.

3.4 Tensionando a masculinidade hegemônica

Esta categoria é composta por 11 artigos (CHOW, 2008; HIROSE, 2010; HIGH, 2010; CARTON; MORRELL, 2012; CHANNON; MATTHEWS, 2015; GREEN, 2016; MUKHERJEE; SEN, 2017; BROOKE, 2017; JENNINGS; DELAMONT, 2020; BOWMAN, 2020; DENG, 2022). Os artigos apresentam consensos sobre um possível processo de relativização das percepções e comportamentos sobre a masculinidade hegemônica, emergindo-se novos mecanismos que reconfiguram a ideia de masculinidade hegemônica a partir da compreensão de que existem diversas maneiras de se apropriar e vivenciar a masculinidade.

Hirose (2010) destaca que existe um tensionamento que envolve as questões de gênero e a prática de artes marciais. Se por um lado temos a apresentação de uma masculinidade hegemônica, pautada nos golpes e ações físicas intensas, por outro lado, tem-se o crescimento de teorizações que apresentam formas “alternativas” de vivenciar as masculinidades.

Com reforço, ao buscar a formulação discursiva dos fãs *online* do UFC de quatro roteiros dominantes em torno das masculinidades asiáticas e lutas de artes marciais mistas (MMA), Deng (2022) destaca que a asianidade dos lutadores é compreendida, em muitos casos, como inferior à dos demais lutadores do UFC. Todavia, os próprios lutadores asiáticos comemoram e propagam suas conquistas individuais, atingindo uma grande parcela da população, o que provoca tensões nos aspectos que envolvem a construção das masculinidades.

Deng (2022) destaca que não deve haver uma disputa homossocial dentro do campo das artes marciais, mas sim a resignificação do próprio sentido do

MMA, que deve estar pautado na inclusão social a partir de uma perspectiva sociocultural. Ao considerar esse contexto, a masculinidade não deve ser compreendida exclusivamente como a dominação física, agressão e virilidades hostis, mas que considere a aceitação das vulnerabilidades, inclusão de indivíduos com menor desenvolvimento físico e o cuidado com indivíduos marginalizados.

Dentro desse aspecto, ao analisar narrativas de homens sobre sua inserção no MMA, Green (2016) destaca que eles não praticam artes marciais como um mecanismo de crítica à sociedade. Todavia, reflexões críticas emergem a partir das configurações sociais nas quais os participantes estão inseridos, o que produz distintas narrativas que reverberam as percepções dos homens sobre o campo social. O autor destaca que todos os homens que participaram do estudo “demonstram orgulho em sua capacidade de carregar marcadores de sua ocupação de múltiplas masculinidades” (GREEN, 2016, p. 25).

Desse modo, percebemos que as tensões nesse campo se intensificam quando a consciência cultural do MMA se amplia a partir das representações de novos comportamentos, pautados nas novas configurações de construção do capital cultural do MMA, como a ampliação das discussões sobre gênero, inclusão social e controle da violência. Nesse ínterim, amplia-se o número de mulheres e crianças em academias de artes marciais, e nas escolas há um movimento para o ensino das lutas enquanto componente curricular. Esses processos podem reconfigurar percepções estereotipadas outrora cristalizadas (GREEN, 2016).

Jennings e Delamont (2022) destacam que o savate constituiu-se como uma prática essencialmente masculina, em que homens lutavam contra homens. Todavia, na contemporaneidade é praticado e liderado por mulheres, aspecto que reconfigura a ideia de masculinidade hegemônica que permeava essa prática corporal.

Ao analisar a forma como os homens chineses negociam sua masculinidade, Chow (2008) destaca que apesar do processo de padronização da masculinidade, os participantes do estudo nunca são totalmente marginalizados, eles constroem versões alternativas que apresentam distintas formas de masculinidades, relativizando as dimensões sexuais, da força física e da virilidade

a partir da atribuição da importância ao controle, à disciplina e às emoções (Chow, 2008).

Brooke (2017) destaca que apesar de a cultura que idealiza a masculinidade hegemônica como padrão ainda se apresentar com muita influência, emerge um processo cultural significativo que considera a masculinidade incorporada pelos asiáticos praticantes de artes marciais chinesas. Um fato que reforça esse aspecto é o maior número de praticantes de artes marciais em detrimento de fisiculturistas. Desse modo, diversas formas de masculinidades emergem a partir das distintas disposições socioculturais.

Ao refletirem sobre a performatividade masculina na capoeira, Mukherjee e Sen (2017) destacam que os capoeiristas analisados rejeitam a padronização pautada na masculinidade hegemônica para apresentar uma masculinidade ligada a sensualidade gestual dos capoeiristas nos momentos de luta. Por conseguinte, esses lutadores apresentam contra-narrativas que tensionam o campo das artes marciais, descolonizando e democratizando as formas de produção da masculinidade.

Destarte, embora os capoeiristas possam apresentar elementos contrários à masculinidade hegemônica, as masculinidades que envolvem a sensualidade gestual também podem sofrer estigmas relacionados à hipervirilidade e ao anti-intelectualismo. Ao lançarmos mão das teorias de Connell (2003), no que se refere à hierarquia das masculinidades, a masculinidade negra pode ser considerada uma masculinidade marginalizada, pois demarcadores sociais de ordem étnico-raciais atravessam esses processos, criando percepções específicas sobre essas configurações.

Ao buscar compreender as maneiras pelas quais os jovens *Waorani*, no Equador amazônico, expressam formas específicas de masculinidade, High (2010) destaca que anciãos, ancestrais e equatorianos mestiços constituem as múltiplas masculinidades por meio das quais os *Waorani* expressam seus próprios modos de ser homens. Nesse sentido, em locais como o clube de artes marciais da aldeia, as representações folclóricas desse povo consolidam as práticas que eram desenvolvidas pelos homens mais velhos (HIGH, 2010).

Em vista disso, as experiências e fantasias de gênero dos jovens homens *Waorani* apontam para uma luta pela reconciliação das masculinidades urbanas

equatorianas com as formas idealizadas de masculinidade associadas. Essas configurações culturais demonstram que as fantasias masculinas de poder se baseiam em múltiplos discursos de gênero enraizados na cultura indígena (High, 2010).

Desta feita, embora a construção das masculinidades *Waorani* estejam ligadas a pressupostos culturais intrínsecos à sua aldeia, tendo como base os homens mais velhos, que repassam os saberes de maneira oral, o contato com demais centros culturais tensiona a ideia central de masculinidade preconizada pela aldeia, reconfigurando as percepções sobre as masculinidades.

Ao analisar as representações da mídia *online* sobre a homossexualidade e a masculinidade dentro do MMA, Channon e Matthews (2015) destacam que apesar dos preconceitos existentes, surge um discurso pautado na inclusão. Os autores consideram que apesar da concepção de que os esportes de combate sejam “reservas masculinas” heterossexistas, a disseminação do discurso inclusivo na mídia do MMA é uma descoberta significativa. Os autores também destacam que os comentaristas de MMA criticavam, de maneira preventiva, o potencial homofóbico de pessoas que tinham visões heterossexistas.

Com reforço, Bowman (2020) destaca que a “masculinidade tóxica” apresentada pela prática do MMA é compreendida como uma problemática a ser superada, defendendo que as representações midiáticas que circulam sobre os assuntos e subjetividades do MMA estejam pautados na inclusão.

Neste íterim, Jennings e Delamont (2020) destacam que existem múltiplas formas de ser um homem na sociedade, e essas “masculinidades móveis” são exploradas a partir das rápidas mudanças históricas à luz da inclusão, a partir da compreensão e aceitação de um corpo dinâmico em um espaço esportivo específico (JENNINGS; DELAMONT, 2020).

Destarte, emergem distintas maneiras de apresentar a masculinidade, perpassando diversos contextos socioculturais. Outrossim, podemos perceber que existem novas configurações sociais que buscam relativizar os estereótipos estabelecidos sobre a masculinidade e apresentar masculinidades que considerem o campo sócio-histórico de cada homem.

4. Considerações Finais

Este estudo objetivou compreender a construção das masculinidades no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate. Ao realizar o levantamento, foram incluídos 20 artigos que após análise, foram identificadas quatro categoria a saber: (i) construções de masculinidades no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate, (ii) mídia e masculinidades, (iii) competição, consumo e masculinidades e (iv) tensionando a masculinidade hegemônica.

Destacamos que a construção histórica das lutas, artes marciais e esportes de combate pauta-se no *ethos* guerreiro, consolidado culturalmente a partir da percepção do homem agressivo, violento e viril, características que se reverberam por esse campo ao longo dos séculos, no qual os aspectos biológicos foram utilizados como justificativa para essa padronização do comportamento. Nesse sentido, salientamos que os veículos midiáticos se apresentam como um elemento que potencializa a apresentação da masculinidade hegemônica, apresentando uma tipologia comportamental e corporal que intensifica a percepção dos atributos que um lutador deve possuir.

Concluimos que apesar de a percepção da masculinidade hegemônica ter perpetuado no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate, emergem novas configurações sociais que ressignificam a ideia do “ser homem”, considerando que existem diversos tipos de masculinidades que consideram e reconhecem a fragilidade do homem, dão valor às emoções e apresentam relações mais afetivas e harmoniosas. Desse modo, embora ainda possamos perceber preconceitos e estereótipos, percebemos que há discursos que preconizam uma reação contra-hegemônica, focalizando-se em percepções contrárias às características exclusivas e misóginas apresentadas no constructo cultural desse campo. Essa dinâmica é perceptível quando emergem configurações de masculinidades que reconhecem a fragilidade do homem e dão valor às suas emoções e às relações afetivas.

Este estudo não tem como objetivo apresentar verdades inquestionáveis, uma vez que a corporificação social é um processo complexo e contínuo, mas buscamos contribuir para o avanço das discussões sobre o fenômeno em tela a partir das discussões apresentadas. Outros estudos podem ser realizados, como:

(i) os motivos para as reconfigurações sociais das lutas, (ii) a percepção dos homens sobre a construção da masculinidade em artes marciais específicas e (iii) questões que envolvem a sexualidade nas artes marciais.

Referências

BADINTER, Elisabeth. XY: Sobre a identidade masculina. 2^a. Ed. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, 1993.

BOWMAN, Paul. In toxic hating masculinity: MMA hard men and media representation. **Sport in History**, v. 40, n. 3, p. 395-410, 2020. <https://doi.org/10.1080/17460263.2020.1756394>

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BROOKE, Mark. Masculinity in Singapore: the residual culture of the Chinese martial artist. **Sport in Society**, v. 20, n. 9, p. 1297-1309, 2017. <https://doi.org/10.1080/17430437.2017.1284799>

CARTON, Benedict; MORRELL, Robert. Zulu masculinities, warrior culture and stick fighting: Reassessing male violence and virtue in South Africa. **Journal of Southern African Studies**, v. 38, n. 1, p. 31-53, 2012. <https://doi.org/10.1080/03057070.2011.640073>

CECCHETTO, Fatima Regina et al. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, p. 873-893, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000300003>

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. FGV Editora, 2004.

CHANNON, Alex; MATTHEWS, Christopher R. “It is what it is”: Masculinity, homosexuality, and inclusive discourse in mixed martial arts. **Journal of**

homosexuality, v. 62, n. 7, p. 936-956, 2015.
<https://doi.org/10.1080/00918369.2015.1008280>

CHOW, Yiu Fai. Martial arts films and Dutch–Chinese masculinities: Smaller is better. **China Information**, v. 22, n. 2, p. 331-359, 2008.
<https://doi.org/10.1177/0920203X080091549>

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016

CONNELL, Raewyn. **The men and the boys**. Austrália: Allen & Unwin, 2000

CONNELL, Raewyn. Masculinities, change, and conflict in global society: Thinking about the future of men's studies. **The Journal of Men's Studies**, v. 11, n. 3, p. 249-266, 2003.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebeca. **Gênero uma perspectiva global: Compreendendo o gênero—da esfera pessoal à política—no mundo contemporâneo**. nVersos, 2015.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

CORREIA, Carlus Augustus J. Jourand; MELO, Leonardo Bernardes Silva; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Mercado esportivo e escolarização de mulheres atletas. **Novos Olhares Sociais**, v. 3, n. 1, p. 199-217, 2020.

DENG, Jiange. Race, gender and MMA fandom—imagining Asian masculinities in the online forum of the UFC fan club. **Sport in Society**, v. 26, n. 4, p. 671-686, 2023. <https://doi.org/10.1080/17430437.2022.2033218>

DEVIDE, Fabiano Pries; DE BRITO, Leandro Teofilo. **Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte**. nVersos, 2021.

DOWNEY, Greg. 'As real as it gets!' Producing hyperviolence in mixed martial arts. **JOMEC journal**, n. 5, 2016. <https://doi.org/10.18573/j.2014.10268>

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa, Edições 70, 2019.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: J. RJ: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: J. RJ: Jorge Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Zahar, 1994b.

FERNANDES, Vera *et al.* Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA. **Revista da educação física/UEM**, v. 26, p. 367-376, 2015. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26009>

GREEN, Kyle. Tales from the mat: Narrating men and meaning making in the mixed martial arts gym. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 45, n. 4, p. 419-450, 2016. <http://dx.doi.org/10.1177/0891241615573786>

GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, p. 1265-1282, 2014. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46216>

HANN, Mark; CHEVÉ, Dominique; WANE, Cheikh T. "Tying your ngemb": Negotiating identity in Senegalese wrestling. **Ethnography**, v. 22, n. 3, p. 396-410, 2021. <https://doi.org/10.1177/14661381211035908>

HIGH, Casey. Warriors, hunters, and Bruce Lee: Gendered agency and the transformation of Amazonian masculinity. **American Ethnologist**, v. 37, n. 4, p. 753-770, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1425.2010.01283.x>

HIRAMOTO, Mie. Wax on, wax off: mediatized Asian masculinity through Hollywood martial arts films. **Text & Talk**, v. 35, n. 1, p. 1-23, 2015. [10.1515/text-2014-0028](https://doi.org/10.1515/text-2014-0028)

HIROSE, Akihiko; PIH, Kay Kei-ho. Men who strike and men who submit: Hegemonic and marginalized masculinities in mixed martial arts. **Men and masculinities**, v. 13, n. 2, p. 190-209, 2010. <http://dx.doi.org/10.1177/1097184X09344417>

RANGER, Tarence; HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JENNINGS, George; DELAMONT, Sara. Style, stamina and mobile masculinities: the reinvention of Savate in the Anglosphere. **Sport in History**, v. 40, n. 3, p. 370-394, 2020. <https://doi.org/10.1080/17460263.2020.1733645>

LIMA, George Almeida; MACÊDO, Christiane Garcia; NETO, Álvaro Rego Millen. Reflexões sobre a participação das mulheres no campo das artes marciais e as representações de gênero incutidas nesse process. **Revista Cocar**, v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7138> acesso em 10 jan. 2024.

LIMA, George Almeida; MAIA, Francisco Eraldo da Silva. Os impactos da arte marcial no comportamento dos seus praticantes. **Revista Interfaces: Saúde, humanas e tecnologia**, v. 9, n. 2, p. 1098-1104, 2021. 10.16891/2317-434X.v9.e2.a2021.pp1098-1104a

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; STIGGER, Marco Paulo. “Se perder e der show, vai lutar de novo!” MMA e o conceito de esporte. **Movimento**, p. e27030-e27030, 2021. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.108259>

MARTÍNEZ, Alejandra. Una reflexión autoetnográfica sobre la práctica de las artes marciales de contacto: ser una (uno) entre todos ellos. **Astrolabio**, n. 14, p. 290-312, 2015. <https://doi.org/10.55441/1668.7515.n14.11628>

MILLEN NETO, Alvaro Rego; GARCIA, Roberto Alves; VOTRE, Sebastião Josué. Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 407-413, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.004>

MOISIO, Risto; BERUCHASHVILI, Mariam. Men becoming fighters: Exploring processes of consumer socialization. **Journal of Consumer Culture**, v. 23, n. 2, p. 331-348, 2023. <https://doi.org/10.1177/14695405221088920>

MUKHERJEE, Indrani; SEN, Sanghita. The kalaripayattu and the capoeira as masculine performances: from bodies of resistance to neoliberal tourism bodies. **Between**, v. 7, n. 13, 2017. <https://doi.org/10.13125/2039-6597/2654>

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso et al. Virilidade e competição: masculinidades em perfis de lutadores das Revistas Tatame e Gracie. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 21, p. 195-207, 2011.

PASSOS, Daniella de Alencar et al. As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 1153-1173, 2014. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.42829>

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades**. Paco Editorial, 2012.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian**

Journal of Physical Therapy, v. 11, p. 83-89, 2007.
<https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>

SPENCER, Dale C. 'Eating clean' for a violent body: Mixed martial arts, diet and masculinities. In: **Women's Studies International Forum**. Pergamon, 2014. p. 247-254. <http://dx.doi.org/10.1016/j.wsif.2013.05.018>

WALTERS, Jared V. " So You Want to Be an Ultimate Fighter?": The Commodification of Masculinity in the Inaugural Season of The Ultimate Fighter. **Journal of Sports Media**, v. 15, n. 1, p. 51-73, 2020. <https://doi.org/10.1353/jsm.2020.0001>

WACQUANT, Loïc. Corpo e alma. **Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v. 294, 2002.